

CRISTIANISMO E CULTURA

BROTÉRIA

VOLUME 175

1

JULHO 2012

EDITORIAL

Demografias

ANTÓNIO VAZ PINTO, S.J.

Fé e arte: sobreposições. Notas sobre o colóquio

RUI FERNANDES, S.J.

A educação na cooperação portuguesa para o desenvolvimento

PATRÍCIA MAGALHÃES FERREIRA

Justiça em educação. Um contributo a partir de Rawls

MARIA ROSA AFONSO

Diogo Laínez (1512-1565). Segundo Superior Geral da Companhia de Jesus

FRANCISCO AUGUSTO DA CRUZ CORREIA, S.J.

NOTAS BREVES

A técnica em exame

ROQUE CABRAL, S.J.

DO ACERVO DA NOSSA BIBLIOTECA

Os manuscritos do espólio bibliográfico do P. João Pereira Gomes, S.J. – III

REVISITANDO A BROTERIA

A aposta de Pascal

A. MOSCA DE CARVALHO

NOVOS LIVROS E RECENSÕES



REVISTA PUBLICADA PELOS JESUÍTAS PORTUGUESES DESDE 1902

Arte

FRANCO, José Eduardo (dir.):

O Esplendor da Austeridade.

706 págs. INCM, LISBOA, 2011. (95 €)

Ao deparar-me com a capa de um grosso livro em tons de cinza que, em perspectiva, mostrava a nave central de uma igreja, parte principal de um mosteiro medieval, depressa o meu olhar foi arrebatado pela imagem unidimensional que estava a examinar e rapidamente se perdeu num mundo de formas simples, tal qual cada um de nós. A representação tinha tudo inscrito: o divino, a perder de vista, erguia-se para o alto e ia muito além do que a objectiva podia captar, contrastando com o humano que se revelava em pequenos fragmentos bem junto ao chão.

O volume dava por título *O esplendor da austeridade*. E de facto havia coincidência entre a estampa e a designação, pois quando folhee o livro, o meu olhar começou a vaguear de construção em construção, numa comunhão constante com um tempo que já pouco ou nada nos diz, mas que, visto mais de perto, foi sempre nosso contemporâneo.

Este é um livro para ver ou para ler, mas, acima de tudo, para contemplar os retalhos artísticos que Portugal possui, relembrando, pela via da meditação, que o empreendedorismo venceu sem-

pre as crises e que foi a disponibilidade do Homem para a Beleza que traçou os marcos do progresso e preservou um legado, que se na sua origem se encontra ao serviço de Deus, na sua finalidade, pretende, acima de tudo, reconciliar o Homem com o Criador, atenuando o vazio e o desespero para que, contraditoriamente, somos lançados pela vida societária. Quando vemos esta obra, com o espírito de a ler e interpretar por tudo aquilo que as imagens nos instigam a viver, a preocupação de cada um facilmente se liberta da individualidade que a caracteriza e busca aquilo que mais interessa.

A austeridade é uma característica quase constante da maioria dos seres humanos e a procura da Beleza o único motivo que os leva a suportar a existência que têm dificuldade em perceber. Parece que criamos para sermos capazes de suportar a vida.

Dinis o Areopagita deixou dito que a Beleza é chamamento, na mesma linha de pensamento em que Platão já tinha considerado o Belo como equivalente à Verdade e ao Bem. Nesta perspectiva, a Beleza do mundo é uma espécie de projecção da Beleza de Deus. Os homens, sem saber como, foram colocados numa existência que não percebem e ao olharem à sua volta deram-se conta de uma multiplicidade de formas naturais para as quais dirigiram a vista e nessa contemplação quiseram descansar dos afazeres do dia a dia.

Essa perfeição natural, contudo, não preenchia o vazio que cada um sentia e, em nome do desconhecido, começou a acrescentar-se mais encanto à Beleza. Veja-se não só as formas das composições como os locais escolhidos para a sua edificação e como, apesar da modificação daquilo que lhes era dado, a harmonia continuava a ser uma característica dessas estruturas. Antes de haver o que quer que fosse, em torno dos mosteiros existia apenas uma Beleza imensa da qual surgia uma obra artificial que, de certo modo, ao fixar os homens numa dada região, os fazia habitar num edifício que se assumia como o prolongamento de toda a beleza que o circundava. Estas construções materiais, naturalmente, também se confundiam com as acções promotoras da Virtude.

A perfeição inata mudava com o passar das estações do ano, contrastando, assim, com a beleza artificial que o homem punha ao serviço do seu semelhante. O tempo passava, a paisagem mudava, mas a nova realidade tendia sempre a espelhar a Beleza espontânea, mudança em que sempre há uma constância que os existentes transportam consigo e essa perseverança fica gravada no edificado que, de século a século, o homem vai erguendo e preservando, mesmo após anos e anos de abandono e destruição.

Este volume apresenta-nos, então, texto quanto baste, fazendo do objecto que nos dá a conhecer o retrato do tempo que passa e do labor dos homens que, com os olhos postos no eterno, vão mais além do que as próprias forças permitem e do que o conhecimento humano ainda hoje não consegue explicar.

A Beleza nunca é em demasia porque é uma espécie de revelação do divino no quotidiano dos homens.

Só a Beleza nos pode salvar porque só ela nos aproxima do Infinito, do qual, cada um de nós, apenas é uma parte e não a sua inteireza, como a sociedade contemporânea pretende que se assuma. — *Artur Manso* (Universidade do Minho).